

A Canção

do Bêco

Dias da Costa

RUMO EDITORA

— S. Paulo, 1939

Sem dúvida que a questão «arte social ou arte pela arte» foi das mais debatidas nestes últimos anos e uma das que melhor serviu para definir posições, acabar com certas falsificações e desmascarar atitudes. Mas agora que a questão já foi suficientemente debatida, importa que se entre num período de construção da arte concretamente humana.

Tenham ou não consciência disso, os escritores duma dada época, tanto na vida particular como na sua obra, são determinados por um certo lugar social, influenciados por idéas que, a não ser em períodos de contradições agudas, não são mais que as idéas da classe dominante. E é conhecida a relação entre as idéas e os interesses. E' esta a razão por que penso que a crítica deve ser consciente das contradições sociais e das relações reais dos homens, da realidade histórica, para poder interpretar e julgar um autor e uma obra. Eis, também, a razão que leva os escritores da nova geração a não se pretenderem livres naquele sentido que *liberdade* tinha para os homens e, particularmente, para os artistas, anos atrás. Liberdade é o poder de satisfazer as necessidades do homem, conhecendo e submetendo-se às realidades, para, sendo possível, as dominar. E, se assim é, a conquista tão demorada da liberdade tem sido obra colectiva. A juventude liga-se àquilo que traz um novo desencadeamento da produção e, conseqüentemente, maior liberdade para os homens. E' por isto que nenhum dos jovens se envergonharia, como os «Independentes», de mostrar a cadela de que fala Louis Aragon e que o prende às mais vivas realidades da humanidade.

Uma literatura verdadeiramente humana deve, como é evidente, olhar os problemas e as aspirações dos homens dos nossos dias. Mas deve ser uma literatura activa e construtiva que ajude o homem nas lutas do dia a dia e naquelas que são já uma arrancada e condição prévia da conquista da dignidade da vida e do trabalho. Para isso temos de considerar o grau de compreensibilidade que a integra no movimento de elevação cultural das massas.

E' porque é esta a posição de «Canção do Bêco» que saudamos o aparecimento dum novo escritor brasileiro.

Dias da Costa era já conhe-

cido do público português através de «Esfera» de que é redactor e onde publicou criticas literárias e alguns dos contos que aparecem agora neste volume. Ele aparece—julgo que é a primeira obra que publica—num momento em que a nova literatura brasileira é já riquíssima. Não conheço bem os contistas modernos do Brasil como, por exemplo, Telmo Vergara, e por isso não posso compará-los. Mas o que é certo é que Dias da Costa tem uma boa noção do conto, género difícil em que é necessário um grande equilíbrio na escolha e na extensão dos episódios para dar realidade e poderio à narração pequena.

Da Baía, como Jorge Amado, o Dias da Costa da maioria dos contos deste livro está muito próximo do autor de «Cacau». Isto não quer dizer falta de personalidade. A influência de Jorge Amado deve ter-se feito sentir imenso em toda a literatura não só brasileira mas até portuguesa e certamente Dias da Costa a sentiu. Mas é outra coisa, para a qual não se pode dizer que o escritor de «Mar Morto» tenha contribuído, que essa proximidade se manifesta: é na ternura e na solidariedade com os personagens e os seus desejos expressos no livro. Outros—e entre eles Graciliano, Amado Fontes e Lins do Rêgo—têm o mesmo sentimento. Mas deixam que os factos falem por si. Jorge Amado e Dias da Costa—como um pouco Raquel de Queiroz em «Caminho de Pedras»—confundem-se com os personagens. Por outro aspecto desta obra—alguns contos em que o psicológico se sobrepõe ao objectivo,—lembra escritores europeus e Graciliano Ramos. Como em «Anquieta» de Graciliano, apenas com uma ou duas excepções (a loucura de «Alucinação»), nesta outra «Anquieta» e nos demais contos com idéas características, o desequilíbrio

psicológico é motivado por razões concretas apresentadas e não se reduz (como é do agrado dos escritores decadentistas) a dar-nos complicadíssimos problemas interiores, as mais das vezes fantasiosos, que apareceram por geração espontânea. Os problemas psicológicos de «Canção do Bêco» são reais, resultantes de acções humanas.

Em quasi todos os contos de D. da Costa estão presentes—mais ou menos mas sempre alguma coisa no-lo faz lembrar—os problemas das existências humildes ou deveres de homens de hoje. Mesmo nesse conto tão bem escrito que é o «Flim» quem morre acaba «contente consigo mesmo» numa grande calma, porque cumpriu lealmente um dever para com os outros e que se impunha.

Uma das qualidades deste escritor é o poder de levantar em poucas linhas mais alguma coisa que o retrato dum individuo—a existência completa de um grupo humano. E' o que é mais visível em «Trabalho», um dos melhores e o maior conto do livro.

Tirando o de um ou outro personagem, como o de essa «Pensão Familiar», tão bem observada e chela de espirito, quasi todos os personagens de «Canção do Bêco» têm um destino trágico. E' porém raro encontrar no que algumas dessas tragédias têm de invulgar qualquer coisa de inverossimil ou inexplicado. Tragédias humanas: do clímax com «Chico Sablá», do homem que consegue subir mas traíndo—o Amaro de «Trabalho»—do homem que a prisão e a tortura degradou—«Regresso»—do que tem a cumprir um dever custe o que custar aos seus interesses egoístas e às suas dores íntimas—«Mar Grande», «Resurreição»—ou do que se tuberculizou no trabalho e não vê esperanças de cura—«Tuberculose, doença social»—dos que, fartos da luta diária e da vida sem atracções se suicidam—«História Banal», «Carta do Suicida»—do acto do homem que o contacto com as realidades da rua consciencializou—«Canção do Bêco». E quasi todas elas ligadas à tragédia mais vasta dos nossos tempos.

O estilo é bom, por vezes muito bom: claro e incisivo. Pena é que aqui e ali se notem certos descuidos, como a

(Continua na página catorze)

—O grande homem de ciência americano R. A. Millikan publicou «Cosmic Rays», um estudo, para pessoas com conhecimentos científicos gerais, desses raios de que o autor foi um dos descobridores.

Edição da Cambridge University Press—8 S. 6 D.

—«War aims» é o titulo dum panfleto da revista inglesa «The New Statesman and Nation»; o autor é G. D. H. Cole, colaborador da revista «Volontaires» e autor dos conhecidos trabalhos: «Socialism in Evolution» e «Practical Economics», (6 D.)

—Há tempos foram publicadas pela livreria Constable de Londres, duas importantes obras dum dos mais representativos escritores americanos da actualidade: John dos Passos.

Uma delas tem por titulo «Journeys between wars» e é constituída por observações de viagens feitas à Espanha, entre 1916 e 1937, à Rússia em 1928 e a vários outros paizes. (12 S. e 6 D.) A outra engloba num mesmo volume, sob o titulo expressivo de «U. S. A.», as três principais obras deste notável escritor: «42nd Parallel»; «Nineteen-Nineteen»; «The big money». (10 S.)

—«Labour and Democracy in the U. S. A.» é o titulo dum trabalho de K. White que a livreria londrina Houlder and Stouglitor publicou. (Prêço: 12 s. 6 d.)

—Editado por Allen and Unwin appareu uma nova obra do grande escritor checo recentemente desaparecido, Karel Capet, intitulada «The First Rescue Party» em que o autor descreve três dias de trabalho de socorro depois duma explosão numa mina, como eles são vistos através dos olhos dum rapaz.

—A mesma livreria editou uma série de ensaios sobre a vida e a obra de Gandhi em comemoração do seu septuagésimo aniversário. O volume «Mahatma Gandhi: Reflections of his Life and Work» é colaborado por A. Einstein, R. Rolland, S. Zweig e outros.

—Aldous Huxley acaba de publicar um novo romance, a que deu o titulo de «After many a summer» (Chalto and Windus—7/6)

—Publicámos no n.º 36 uma referência critica aos dois grandes romances Huasipungo (traduzido em francês) e Nas Ruas, do jovem escritor equatoriano Jorge Icaza. E como vários leitores e amigos nos escreveram pedindo indicações acerca da forma de obterem esses romances, aqui lhes deixamos a direcção do jornal mensal Itinerário de América, de que Jorge Icaza é um dos redactores:

Editorial «Selección», Rincon 137, Buenos Aires, Argentina. Icaza escreve em espanhol.

—John Strachey, conhecido autor inglês de orientação diamétrica, publicou «A Programme for Progress», editado pela livreria Gollancz. (Prêço: 7 s. 6 d.)

—Florinsky Michael é o autor de «Toward an Understanding of the U.R.S.S. A Study in Government, Politics and Economic Planning», obra publicada recentemente pela livreria Macmillan, de Nova-York, ao preço de 2,5 dolares.

—Max Beer publicou um estudo intitulado «An Inquiry into Physiocracy», em que faz uma análise das origens políticas e doutrinações da teoria de Quesnay, assim como da sua natureza e significação.